



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## REVITALIZAÇÃO DE CENTROS URBANOS E SUSTENTABILIDADE: OS EXEMPLOS DA ESTAÇÃO DAS DOCAS E DA CIDADE DE BARCELONA

Bernard Arthur Silva da Silva\*

Franknaldo Silva de Oliveira\*\*

1

Quando a década de 90 se iniciou na cidade de Belém, o cenário underground<sup>1</sup> local de Heavy Metal<sup>2</sup> e, também, dos mais variados gêneros do Rock, estava

---

\* Historiador e Mestrando do PPGHIST-UFPA. Email. [barthursilva@yahoo.com.br](mailto:barthursilva@yahoo.com.br)

\*\* Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia – UFPA. Email: [franknaldo\\_cs@yahoo.com.br](mailto:franknaldo_cs@yahoo.com.br)

<sup>1</sup> Segundo a socióloga norte-americana Deena Weinstein, é possível definir o cenário underground da seguinte forma: “Underground, em sentido de purgatório, é um termo para bandas e estilos que não são comumente populares, mas que podem ou têm possibilidades de vir a ser. Underground, no sentido de inferno, refere-se a uma música que é tão extrema, em termos de sonoridade, de letras, ou ambos, que não atraem a grande audiência. Bandas que tocam metal underground, de tipo infernal, não possuem esperança ou desejo (se eles forem conscientes) de ir em direção ao outro lado, ao céu do estrelato pop. Como outras formas de artes elitistas, o metal underground é apreciado por uma audiência diferenciada”. WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: The Music And Its Culture**. New York: Da Capo Press, 2000. Págs. 283-284.

<sup>2</sup> Gênero musical advindo do Rock, surgido durante o final da década de 60 e início da década de 70, em áreas industrializadas dos continentes norte-americano e europeu, tendo as bandas Black Sabbath, Deep Purple, Led Zeppelin, Blue Cheer, Iron Butterfly, Vanilla Fudge, Blue Öyster Cult e dentre outras como precursoras. Na década de 80, ele se estebelece e se consolida no mundo através de bandas inglesas pertencentes ao “New Wave Of British Heavy Metal” (Iron Maiden, Judas Priest, Motörhead, Saxon), movimento referente à segunda leva importante do citado gênero musical. Bandas alemães, norte-americanas e japoneses também foram essenciais nesse sentido (Scorpions, Manowar e Loudness, respectivamente). Guitarra e baixo distorcidos, riffs agressivos, baterias rápidas e vocais estridentes, são alguns de seus aspectos essenciais.

extremamente pulsante e dinâmico. Ele saiu da periferia e chegou ao centro da cidade, estabelecendo-se na Praça da República, como ponto de encontro e local de sociabilidade dos headbangers<sup>3</sup>, além de utilizarem o Teatro Experimental Waldemar Henrique para eventos<sup>4</sup>.

Dentro desse contexto histórico, os principais motivos dessa mudança estão ligados à conquista de locais para fazer shows, o crescimento da demanda de shows de Rock e Heavy Metal, o atendimento dela por parte da diretoria do Teatro Experimental Waldemar Henrique, a agregação de públicos grandes realizada pelas bandas de Heavy Metal e a veiculação e propagação de suas músicas nas rádios, nos jornais e fanzines locais, nacionais e internacionais<sup>5</sup>.

O Teatro Experimental Waldemar Henrique, já citado, foi de fundamental importância para a propagação e amostra do referido cenário para a sociedade e a grande mídia paraenses, além do Brasil e de outros países ao redor do mundo.

Incontáveis shows de bandas locais de Heavy Metal, e bandas dos mais variados gêneros do Rock, se apresentaram no citado espaço e, literalmente, quebraram

---

<sup>3</sup> O termo “headbanger” é a denominação do fã de Heavy Metal e significa, traduzindo para a língua portuguesa, “batedor de cabeça”. Esse significado diz respeito ao movimento executado por ele durante um show de Heavy Metal, que é balançar freneticamente a cabeça e os cabelos longos. Outro termo utilizado é “metalhead”, que quer dizer, “cabeça de metal”. Com certeza, uma referência também ao ato de “bater cabeça”. Para saber mais, ver Cf. JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. **Heavy Metal: O Universo Tribal e o Espaço dos Sonhos**. Universidade de Campinas. São Paulo. 1994. Dissertação de Mestrado. Págs. 42-47 e LOPES, Pedro Alvim Leite. **Heavy Metal No Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio Na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006. Tese de Doutorado. Pág. 27.

<sup>4</sup> SILVA, Bernard Arthur Silva da. **Metal City: Apontamentos Sobre a História do Heavy Metal Produzido Em Belém do Pará (1982-1993)**. Universidade Federal do Pará. Belém. 2010. Monografia. Págs. 583-631.

<sup>5</sup> Para saber mais, sobre a propagação de notícias, músicas e informações sobre o cenário underground local de Heavy Metal durante o início dos anos 90 ver Cf. Fanzine Mayhemazine. N° 1. Julho de 1990. Ano I. Págs. 1-34; Jornal A Província do Pará, 5 e 6/09/1993. Caderno Magazine. Coluna ZAP de Edyr Augusto Proença. Pág. 2. Belém – PA; Jornal Diário do Pará, 20/09/1992. Caderno D. Pág. 10. Belém – PA; Jornal Diário do Pará, 28/08/1993. Caderno D. Pág. 5. Belém – PA; Jornal O Liberal, 4/06/1990. Caderno Jornal dos Bairros. Pág. 3. Belém – PA; Jornal O Liberal, 26/01/1992. Caderno Cartaz. Coluna Dial 97 escrita por Dom Floriano. Pág. 5. Belém – PA; Jornal O Liberal, 24/04/1992. Caderno Cartaz. Pág. 1. Belém – PA e Jornal O Liberal, 18/11/1993. Caderno Dia – a – Dia. Pág. 5. Belém – PA.

recordes de lotação do mesmo, colocando sempre mais de duzentas pessoas, em média, por show<sup>6</sup>.

Praticamente, grande parte das características da cultura do Heavy Metal aparecem em um show onde tocam bandas que representam o citado gênero musical. E, além disso, é partir das apresentações ao vivo, que as bandas de Heavy Metal conseguem fazer com que o seu trabalho artístico-musical seja conhecido pelos headbangers<sup>7</sup>. Somente assim, que as músicas de sua demo-tape, as músicas de seu álbum, arte presente nos mesmos, os contatos com donos de gravadoras especializadas, os contatos com escritores de revistas e fanzines especializados e venda de produtos ligados às bandas como camisetas de cor negra estampadas com os seus logotipos, botões (botões pequenos com os seus logotipos desenhados), “patches” (pequenos pedaços de pano com os seus logotipos pintados e desenhados ou bordados), bonés, calças e jaquetas com os seus logotipos costurados e bordados<sup>8</sup>.

Os shows ao vivo de bandas de Heavy Metal também mostram os aspectos da indumentária dos headbangers e os músicos de bandas de Heavy Metal, as atitudes tomadas pelos mesmos durante o decorrer das apresentações artístico-musicais das bandas de Heavy Metal, as condições do espaço físico de tais apresentações, o equipamento de áudio e iluminação, as condições sociais e financeiras desse músicos que praticam tal gênero musical e as relações entre os próprios headbangers e outros fãs de outros gêneros do Rock. Verdadeiros rituais, onde “as regras de comportamentos são categoricamente expostas”<sup>9</sup>, além de serem como “um rito de formação. Esta formação vai diferenciar os participantes ou o círculo de neófitos dos de ‘fora’, daqueles

---

<sup>6</sup> MACHADO, Ismael. **Decibéis Sob Mangueiras**: Belém No Cenário Rock Brasil Dos Anos 80. Belém: Editora Grafimorte, 1ª Ed, 2004. Págs. 203-218.

<sup>7</sup> WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal**: The Music And Its Culture. New York: Da Capo Press, 2000. Págs. 85 – 86.

<sup>8</sup> Ibid., WEINSTEIN, Deena. Págs. 85 – 86.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Franknaldo Silva de. **Metal City**: O Obscuro Mundo Do Heavy Metal e a Luz Do Ethos Headbanger Na Cidade De Belém – PA. Universidade Federal do Pará. Belém. 2011. Monografia. Pág. 62.

exatamente não iniciados”<sup>10</sup> e produzirem uma “negação a uma estrutura”<sup>11</sup> onde a “antiestrutura se opõe a um status quo”<sup>12</sup>.

Nos shows de bandas locais de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar Henrique, ao longo dos anos iniciais da década de 90, todos esses aspectos estavam presentes.

Em algumas imagens de shows de bandas locais de Heavy Metal ocorridos durante o referido período, tanto no Teatro Experimental Waldemar Henrique quanto em outros locais e eventos, mostradas ao longo desse terceiro capítulo, pode-se observar o quanto, algumas mudanças importantes na indumentária dos headbangers e músicos locais de Heavy Metal, aconteceram e foram pontuais para o desenvolvimento do cenário underground local de Heavy Metal.

Na Figura 1, onde está uma imagem de um dos inúmeros shows da banda local de Thrash Metal Morfeus no Teatro Experimental Waldemar Henrique, percebe-se que muitos headbangers locais estão trajando calças jeans de cor azul, calças jeans de cor preta, jaquetas jeans de cor azul contendo alguns “patches” com os logotipos de bandas de Heavy Metal costurados às mesmas, jaquetas jeans de cor verde tendo a sua disposição parecida com o uniforme do exército preenchidas de “patches” com os logotipos de bandas de Heavy Metal costurados às mesmas, algumas poucas camisas de cor branca com os logotipos das bandas de Heavy Metal pintados à base de serigrafia e uma enorme quantidade de camisas de cor negra com os logotipos das bandas de Heavy Metal estampadas nas mesmas.

A principal mudança relacionada à indumentária do headbanger local durante os shows de bandas locais de Heavy Metal, quando dos anos iniciais da década de 90, foi o uso constante e intenso de camisas de cor negra com os logotipos de bandas de

---

<sup>10</sup> RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, Ritos de Passagem e de Iniciação: Uma Revisão da Bibliografia Antropológica. IN.: **Estudos Teológicos**. Vol. 44. Nº 2. 2004. Págs. 143-144. Disponível em: [http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4402\\_2004/et2004-2arodolpho.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4402_2004/et2004-2arodolpho.pdf).

<sup>11</sup> DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil. Antropologia da Performance: A Liminaridade e as Contradições Do Social. IN.: **VIII Seminário de Pesquisa em Ciência Humanas**. Londrina : Eduel, 2010. p. 43. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia\\_da\\_performance\\_a\\_liminaridade\\_e\\_as\\_contradicoes\\_do\\_social.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia_da_performance_a_liminaridade_e_as_contradicoes_do_social.pdf).

<sup>12</sup> Ibid., DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil. Pág. 43.

Heavy Metal estampados nas suas frentes. Isso confirma o que foi afirmado logo no início desse terceiro capítulo. As lojas que surgiram no início da década de 90, como a Loja Histeria, Loja Ná Figueredo e Loja Pinta e Borda<sup>13</sup>, foram fundamentais para que os headbangers locais tivessem acesso às camisas de cor negra com logotipos de bandas de Heavy Metal estampadas nas suas frentes. Além disso, essas lojas chegavam a disponibilizar bonés com logotipos de bandas de Heavy Metal costurados e bordados, calças de moletom contendo logotipos de bandas de Heavy Metal costurados e bordados, álbuns de bandas de Heavy Metal em formato de vinil e demo-tapes.

Sendo que, a primeira e a única loja especializada somente em Heavy Metal, a surgir em Belém do Pará, durante os anos iniciais da década de 90, foi a Loja Histeria. Ela pertencia à Marcelo “Histeria”, que na época, era vocalista da banda local de Thrash Metal Dr. Stein. Essa loja tinha tal legitimidade perante o cenário underground local de Heavy Metal, devido ao seu dono ser um headbanger e vocalista de uma banda de Heavy Metal, no caso, de Thrash Metal.

O fato dos headbangers locais terem usado (e, ainda usarem) várias peças de roupas características da indumentária underground, como as já citadas a pouco, durante os shows de bandas locais de Heavy Metal nos anos iniciais da década de 90 no Teatro Experimental Waldemar Henrique, significava (e, ainda significa) uma forma de representar o seu “ethos” e a sua “visão de mundo”<sup>14</sup>. Representar o quanto os mesmos valorizam as características do referido gênero musical, e também, de seus subgêneros

---

<sup>13</sup> A Loja Histeria, que na verdade tinha o nome completo de “Histeria Rock Shop”, se localizava no bairro periférico da Marambaia, no início da Rodovia Augusto Montenegro, no Conjunto Gleba III. A Loja Ná Figueredo se localizava (e, ainda se localiza) na Avenida Gentil Bittencourt entre Travessa Doutor Moraes e Travessa Benjamin Constant, no bairro Batista Campos. A Loja Pinta e Borda se localizava na Avenida Gentil Bittencourt entre Travessa 14 de Março e Avenida Alcindo Cacela, próximo ao Conjunto Santa Maria, no bairro de Nazaré. Para saber mais informações sobre a venda de produtos relacionados às bandas locais de Heavy Metal, ver Cf. SILVA, Bernard Arthur Silva da. **Metal City: Apontamentos Sobre a História do Heavy Metal Produzido Em Belém do Pará (1982-1993)**. Universidade Federal do Pará. Belém. 2010. Monografia; Jornal O Liberal, 26/01/1992. Caderno Cartaz. Coluna Dial 97 escrita por Dom Floriano. Pág. 5. Belém – PA; Jornal O Liberal, 24/02/1991. Caderno Dois. Coluna Dial 97 de Dom Floriano. Pág. 6. Belém – PA e Jornal O Liberal, 24/04/1992. Caderno Cartaz. Pág. 1. Belém – PA.

<sup>14</sup> GEERTZ, Clifford. ‘Ethos, Visão de Mundo e Símbolos Sagrados’. IN: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação Das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989. Pág. 143.

musicais<sup>15</sup>. Muitos headbangers locais estavam usando camisas de cor negra com os logotipos de bandas como Exodus, Megadeth, Sepultura, MX, Iron Maiden, Kreator, Ratos de Porão e Metallica, e, isso era uma forma de representar o “ethos” e “visão de mundo” dos headbangers locais, que tinham um forte apreço pelo subgênero musical Thrash Metal. Uma forma de demonstrar seu respeito e a sua paixão por um subgênero musical que expressava os temas mais contraditórios da sociedade, passando por guerra, violência urbana, corrupção religiosa, corrupção política e outros. A identificação dos headbangers locais com a realidade social que o Thrash Metal passava nas letras de suas músicas e, com sua sonoridade mais rápida e agressiva, que acabava diferenciando-o do Heavy Metal tradicional de bandas como Judas Priest, Saxon, Motorhead e Iron Maiden.

Essa identificação dos headbangers faz parte de uma “constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação”<sup>16</sup>.

A tribo urbana dos headbangers, no caso daqueles pertencentes ao cenário underground local de Heavy Metal durante os anos iniciais da década de 90, apreciadores do subgênero musical Thrash Metal, que era a grande preferência dos mesmos no citado período, já vinha se constituindo desde o início da década de 80, como uma forma de não se sentirem os únicos em apreciar tal gênero musical, de se unirem em torno do gosto por uma “sonoridade metálica”<sup>17</sup>. E, ao fazer isso, os headbangers pertencentes a ela tem que demonstrar, através de suas atitudes, o quanto os mesmos devem pertencer a ela, a sua tribo. Eles devem gostar muito de Thrash Metal, utilizar camisas de cor preta com logotipos de bandas de Thrash Metal estampados nas frentes das mesmas, calças jeans de cor azul ou de cor preta contendo “patches” costurados e bordados de logotipos de bandas de Thrash Metal, jaqueta jeans

---

<sup>15</sup> Ver comentário do antropólogo canadense Sam Dunn sobre a representação presente na indumentária headbanger. IN: DUNN, Sam e MCFADYEN, Scott. **Metal History: A Headbanger's Journey**. S/1. Warner. 2006. Documentário. 2 DVDS.

<sup>16</sup> MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo Nas Sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 224.

<sup>17</sup> JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. **Heavy Metal Com Dendê: Rock Pesado e Mídia Em Tempos de Globalização**. Rio de Janeiro: E - Papers, 2004. P. 74.

de cor azul ou cor preta contendo “patches” costurados e bordados de logotipos de bandas de Thrash Metal e deve saber todas as informações possíveis sobre qualquer banda de Thrash Metal, através de revistas e fanzines locais, nacionais e internacionais especializados em Heavy Metal, flyers de divulgação de bandas e de shows das mesmas, cartazes de shows, ingressos de shows, releases das bandas, fotos de divulgação e, com isso, movimentar a dita comunicação underground do Heavy Metal.

Isso impedia que o headbanger apreciador de Thrash Metal, caísse em descrédito perante os outros headbangers apreciadores do mesmo subgênero. Todas essas ações não deixam de ser “rituais iniciáticos”<sup>18</sup> que influenciavam (e, ainda influenciam) “a integração ou a rejeição dependem do grau do feeling experimentado, ou pelos membros do grupo ou pelo postulante”<sup>19</sup>.

As ações dos headbangers, que envolveram (e, ainda envolvem) esses “rituais iniciáticos” no meio underground internacional, nacional e local de Heavy Metal, durante o referido período, passaram (e, ainda passam, mas com menos intensidade) por uma grande rigidez e seletividade. Em Belém do Pará, existiram casos onde, um headbanger que não se vestisse da maneira que foi descrita à pouco e não tivesse conhecimento de causa do mundo artístico do qual fazia parte, e fosse para algum show de banda local de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar Henrique, ele não seria bem aceito pelos outros integrantes da citada tribo e seria, possivelmente, muito criticado ao ponto de ser chamado de “poser” (aquela pessoa que finge ou não procura ter o conhecimento mínimo sobre o mundo artístico do Heavy Metal e quer se passar por um praticante do mesmo, no caso, por um headbanger) e excluído da mesma. A camisa que ele estava usando, podia ser rasgada, como uma forma de repúdio ao fato do mesmo não ter o conhecimento e as atitudes necessárias para usá-la. Ter o mínimo de conhecimento sobre a banda que tinha seu logotipo estampado na camisa de cor negra, significava ser “digno” ou “informada” o suficiente para usá-la”<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Ibid., MAFFESOLI, Michel. P. 226.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> RIBEIRO, Hugo Leonardo. **Dinâmica das Identidades: Análise Estilística e Contextual de Três Bandas de Metal da Cena Rock Underground de Aracaju.** Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2007. Tese de Doutorado. P. 75.

João “Patarrão” Alves confirma em seu depoimento oral, que passou por essa situação, ao ir para um show de uma banda local de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar Henrique, durante os anos iniciais da década de 90, com uma bermuda, foi criticado arduamente pelos headbangers que estavam presentes e, quase foi execrado do grupo. Ele tentou utilizar o argumento de que, uma das bandas norte-americanas precursoras do subgênero musical Thrash Metal, denominada Anthrax, durante grande parte da década de 80, se utilizou de um visual recheado de bermudas coloridas, bonés e camisas de cor não negra com as mangas cortadas. Um visual considerado “leve” e não tão “chocante”, para as outras bandas norte-americanas precursoras do Thrash Metal, como Megadeth, Exodus, Metallica e, principalmente, Slayer.

Existiram também, casos onde headbangers vestidos com camisas de cor negra contendo logotipos de bandas consideradas “clássicas” do Heavy Metal tradicional, tais como Judas Priest, Motörhead, Saxon e, principalmente, Iron Maiden, e, até mesmo, portando jaquetas jeans de cor azul ou verde como a farda do exército recheado de “patches” de logotipos das citadas bandas costurados e bordados as mesmas, que iam ao Teatro Experimental Waldemar Henrique para prestigiar shows de bandas locais de Heavy Metal, durante os anos iniciais da década de 90, eram tratados com desmerecimento e desrespeito, por não estarem seguindo os aspectos da cultura do Thrash Metal, o subgênero musical com maior apreço pelos headbangers locais, durante a época citada.

Márcio “Kalango” confirma em seu depoimento oral, que passou por essa situação, ao ir para um show da banda local de Thrash Metal Morfeus no Teatro Experimental Waldemar Henrique, durante os anos iniciais da década de 90, com calças jeans de cor azul, camisa de cor negra com algum logotipo de alguma banda de Heavy Metal e uma jaqueta jeans de cor azul com destaque para um “patche” grande situado nas costas da mesma onde estava o logotipo da banda inglesa de Heavy Metal tradicional Iron Maiden. Nesse momento, muitos headbangers presentes na entrada do citado teatro desprezaram tal vestimenta de Márcio “Kalango”, dizendo que o mesmo ainda estava escutando e gostando da banda Iron Maiden, em vez de estar escutando e



gostando mais das bandas de Thrash Metal e de usar uma indumentária característica do headbangers apreciadores de Thrash Metal.

Mais uma vez, é necessário chamar atenção, sobre o quanto a indumentária dos headbangers locais em si, ameaçava, criticava e quebrava os modelos tradicionais de vestimenta da sociedade ocidental capitalista cristã. As camisas de cor negra com os logotipos das bandas de Heavy Metal eram (e, ainda são) encomendadas pelos próprios headbangers que eram donos de pequenas lojas especializadas em Heavy Metal (o caso de Marcelo Histeria, dono da Loja Histeria) e, os headbangers que as compravam e as usavam (e, ainda compram e usam), não as conseguiam (e, ainda não as conseguem) em grandes lojas do comércio brasileiro e sim em pequenas lojas especializadas em Heavy Metal que faziam parte de um pequeno circuito comercial, um nicho de compra e venda. Além disso, as jaquetas jeans de cor azul, jaquetas de couro de cor preta e as jaquetas jeans de cor verde parecidas com a farda do exército, recheadas de “patches” costurados e bordados com os logotipos das bandas de Heavy Metal, as calças jeans de cor azul e o tênis branco de cano longo, eram conseguidas, em sua grande maioria em pequenas lojas do bairro do Comércio, que vendiam roupas usadas. Afinal, jaquetas jeans ou de couro de qualquer cor, não eram muito bem vindas na capital paraense, que tinha (e, ainda tem) um clima quente e úmido, onde o uso de tais peças de vestuário somente pioravam o calor característico da cidade de Belém.

Então, sair vestido dessa maneira para ir a algum show de uma banda local de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar Henrique, ou ir se encontrar e se reunir na Praça da República com outros headbangers às sextas-feiras, sábados e domingos, era ir, totalmente, contra a moda vigente, que pregava o uso de roupas de marca e bem leves para escapar do clima extremamente castigante da cidade de Belém. Não deixava de ser uma forma de ter um “sentimento de pertença e/ou do sentimento de diferença”<sup>21</sup> aliado a “certos tipos de entendimento comuns e, portanto, uma cultura”<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Ibid., MAFFESOLI, Michel. P. 228.

<sup>22</sup> BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: Estudos De Sociologia Do Desvio. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008. Pág. 90.

não partilhada “pelos membros mais convencionais da comunidade”<sup>23</sup> que acabavam denominando-os de “outsiders”<sup>24</sup> e o Heavy Metal de “subcultura”<sup>25</sup>.

A tribo dos headbangers, conseqüentemente, participava e tinha, no mundo artístico de origem operária, surgido durante o final da década de 60 e início da década de 70, nos E.U.A. e Inglaterra, em função da falência da revolução juvenil e da contracultura hippie/flower power dos anos sessenta, um de seus ancestrais mais comuns em relação a esse tipo de indumentária<sup>26</sup>.

As imagens presentes nas camisas de cor negra que continham os logotipos e as capas dos álbuns de bandas de Heavy Metal, utilizadas por headbangers locais, durante os anos iniciais da década de 90, nos shows de bandas locais no Teatro Experimental Waldemar Henrique, tinham um caráter crítico em relação aos valores morais e éticos colocados por tradições religiosas. “Imagens teratológicas”<sup>27</sup>, que “converte símbolos sagrados de determinadas tradições religiosas, vistos como expressão do domínio ontológico do mal, tidos como dados, em convenções artísticas questionadoras e por vezes positivadas, tidas como construídas, provocando a rejeição e a invisibilidade social do Heavy Metal para grande parte dos não adeptos do gênero”<sup>28</sup>.

Outro ponto que não pode deixar de ser citado e comentado em relação à indumentária dos headbangers locais, nos shows de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar, durante os anos iniciais da década de 90, eram as diferenças sociais existentes no uso do mesma. Muitos headbangers locais, naquele período, vinham de bairros periféricos da capital paraense, tais como Pedreira, Marco, Fátima, Guamá, Cremação, Marambaia e dentre outros e, tinham condições sociais e financeiras não muito boas. Muitos, e não todos, não tinham entrado no mercado de trabalho e não tinham começado a trabalhar para ganhar um salário. Uma grande quantidade também

---

<sup>23</sup> Ibid., BECKER, Howard Saul. Pág. 89.

<sup>24</sup> Ibid., BECKER, Howard Saul. Pág. 89.

<sup>25</sup> Ibid., BECKER, Howard Saul. Pág. 91.

<sup>26</sup> LOPES, Pedro Alvim Leite. **Heavy Metal No Rio De Janeiro e Dessacralização De Símbolos Religiosos: A Música Do Demônio Na Cidade De São Sebastião Das Terras De Vera Cruz.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006. Tese de Doutorado. P. 82.

<sup>27</sup> Ibid., JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. P. 20.

<sup>28</sup> Ibid., LOPES, Pedro Alvim Leite. P. 4.

estudava em colégios estaduais e municipais. Além disso, muitos vinham de outros municípios paraenses para assistir os shows de bandas locais de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar Henrique, tais como Castanhal, Marituba e Ananindeua.

Esses headbangers acabavam tendo que utilizar de todo o seu conhecimento nativo para poder superar as dificuldades financeiras e sociais que os impossibilitavam de se vestirem enquanto tais. Eles pegavam uma camisa de cor totalmente branca, olhavam e tentavam memorizar a capa de um álbum de uma banda de Heavy Metal e também seu logotipo, depois, através da serigrafia, pintavam-na em tela, dando assim, para a mesma, ares de uma camisa típica de um headbanger. A calça jeans de cor azul era, provavelmente, aquela usada no dia-a-dia do colégio e para outras ocasiões sociais como festas de aniversário, ou seja, uma calça extremamente surrada e que era utilizada para o desenho de logotipos de bandas de Heavy Metal com caneta esterográfica de cor azul ou de cor preta. Isso era feito porque muitos headbangers não tinham acesso aos “patches” bordados e costurados com os logotipos das bandas de Heavy Metal e, também, não possuíam dinheiro o suficiente para tê-los. É extremamente importante afirmar que, isso acontecia com as jaquetas jeans de cor azul ou de cor verde de acordo com a vestimenta do exército. Os headbangers locais que se encontravam nas condições sociais e financeiras citadas, acabavam riscando e desenhando os logotipos de bandas de Heavy Metal na frente e atrás das jaquetas que conseguiam para usá-las nos shows. Em relação aos tênis de cano alto, muitos headbangers também não tinham acesso a eles e não tinham condições financeiras de possuí-los. Dessa forma, muitos acabavam utilizando tênis comuns, mais barato e usados no cotidiano para irem aos referidos shows.

É importante ressaltar que, apesar de muitos headbangers locais, durante os anos iniciais da década de 90, não terem tido um grande acesso aos itens da indumentária característica do mundo artístico do Heavy Metal mas, comparado a toda a década de 80, esse número diminuiu consideravelmente, em virtude do aparecimento de algumas lojas que começaram a vender peças da vestimenta headbanger, na capital paraense, como Loja Ná Figueiredo, Loja Pinta e Borda e a Loja Histeria.

Durante toda a década de 80 não existia nenhuma loja especializada nessa área, logo, uma maioria esmagadora, tinha que se utilizar de conhecimentos nativos para

superar os obstáculos existentes em relação ao uso da indumentária característica do Heavy Metal. Conhecimentos esses, descritos à pouco e, também discutidos no segundo capítulo desse texto. Já na década de 90, os headbangers locais começaram a ter escolhas sobre como conseguir as peças da indumentária comum ao Heavy Metal, em Belém do Pará.

Em shows de Heavy Metal ao redor do mundo e, também, em Belém do Pará do início da década de 90 (e, ainda, até os dias de hoje), é comum os headbangers (fãs de Heavy Metal, “batedores de cabeça”, traduzindo para o português) estarem, desde o momento que se iniciam os mesmos, movimentando a cabeça de maneira rápida e frenética. Nos shows de bandas locais de Heavy Metal no Teatro Experimental Waldemar Henrique, durante os anos iniciais da década de 90, isso era totalmente frequente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GEERTZ, Clifford. “Ethos, Visão de Mundo e Símbolos Sagrados”. *In*: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

JÚNIOR, Jeder Janotti Silveira. **Heavy Metal Com Dendê**: Rock Pesado Em Tempos De Globalização. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal**: The Music And Its Culture. New York: Da Capo Press, 2000.